

Fecha de recepción: marzo 2025
Fecha de aprobación: abril 2025

Viradas pedagógicas e epistemológicas com o Grupo Caixa de Pandora

Ursula Rosa da Silva^(*) y Nádía da Cruz Senna^(**)

Resumo: O presente texto emerge da experiência coletiva de inserção das perspectivas feministas nos espaços de formação, desde a implantação do Grupo Caixa de Pandora: estudos em gênero, arte e memória (CNPq/UFPeL, 2008). Ao longo desses muitos anos de atuação experimentamos abordagens mais flexíveis, dinâmicas e transgressoras para pleitear o reconhecimento das artistas, filósofas, educadoras, escritoras e historiadoras, entre muitas outras, cujas trajetórias e processos permanecem invisibilizados e/ou menosprezados por conta de modelos hegemônicos de relações de gênero. Viradas pedagógicas e epistemológicas se impõem para o enfrentamento de velhas e novas problemáticas, frente à necessidade de rever postulados e transcender limites, para instaurar um pensamento crítico, atitudes poéticas e processos sensíveis. A reflexão em torno das práticas segue os ensinamentos em prol da igualdade, liberdade e esperança propagados por bell hooks, Angela Davis, Mariana Gomes e Catherine Walsh.

Palavras Chave: mulheres artistas e pensadoras - práticas pedagógicas - epistemologia

[Resúmenes en español y portugués en la página 249]

^(*) Doutora em História e Doutora em Educação, professora da Universidade Federal de Pelotas, Brasil

^(**) Doutora em Ciências da Comunicação, professora da Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Onde estão as mulheres artistas e filósofas? A questão nos acompanha desde os tempos da graduação, quando abríamos os livros e não encontrávamos as representantes. Mesmo sendo a maioria entre o grupo de docentes ou estudantes de arte, desde a origem das antigas Escolas de Belas Artes (início e meados do século XX), as mulheres não adentraram a história da arte. Por que? Que carreiras seguiram? A linha de estudos em arte e gênero

se instaura em busca de respostas para essa velha problemática e para outras que surgem, em função dos atravessamentos de ordem política, social e existencial que incidem sobre o campo. Fundamos o grupo de pesquisa Caixa de Pandora: estudos em arte, gênero e memória em 2008, junto com outras pesquisadoras de artes e humanidades, interessadas na superação dessa história tão desigual. De lá para cá, temos atuado na pesquisa, ensino e extensão de forma indissociada e continua. Na busca por romper modelos limitados e excludentes experimentamos outras abordagens, abertas às tensões e conexões, ao diálogo entre diferentes, para instaurar outros modos de ver, de narrar, imaginar, em uma mistura criativa de possibilidades para repensar a contemporaneidade.

Contar a história das mulheres artistas, dar a ver processos e obras, trazer as protagonistas para a sala de aula impõe viradas pedagógicas, revisão de conceitos e de currículos. Teoria e prática se alinham com a pedagogia libertária, baseada na autonomia, no pensamento feminista, nos estudos decoloniais, nas estratégias de resistência e engajamento dos grupos artivistas. O enfoque de natureza transdisciplinar, conta com a contribuição de toda a comunidade interessada em subverter lógicas hegemônicas, sacudir tradições e quebrar o cânone abrindo espaço para pluralidades imagéticas e discursivas.

Pensar criticamente é ação coletiva, poética e política

Ao revisitar nossa experiência junto ao grupo de pesquisa percebemos a inventividade e a perseverança na base das ações e estratégias que nos motivaram a seguir na luta pela revisão histórica, valoração de processos e reconhecimento das viradas iconológicas protagonizadas pelas artistas. Sabemos que não basta construir uma listagem de nomes, recuperar obras e trajetórias para promover a inclusão, é preciso revisar os conceitos, classificações hierárquicas, avançar sobre leituras formalistas e modelos interpretativos para dar conta da história das artistas. Igualmente, temos que atentar para o contexto social e o sistema artístico no qual elas se inserem ou tentam se inserir, para que possamos revelar as inovações e contribuições que instauram outros modos de ver, de se inscrever no mundo.

Juntas vamos aprendendo e ensinando porque é assim que o processo educativo se constrói, na partilha de saberes, na participação ativa de todas para o crescimento intelectual de cada uma. Defender uma educação baseada no pensamento feminista que traz para o debate tabus ligados às estruturas patriarcais de regulação e controle não é tarefa fácil. Implica em ativismo de resistência para fazer frente à ascensão ao poder de grupos misóginos, que nos privam de direitos duramente conquistados. Superar esse cenário adverso exige repensar as práticas, formular estratégias, assumir uma atitude intelectual, política e transgressora. É preciso saber gritar, como alerta Catherine Walsh (2017), é na pedagogia do grito que reafirmamos nossa luta. Marchamos e protestamos acompanhando as agendas de gênero daqui e das nossas *hermanas*, propomos intervenções artísticas e nos integramos as manifestações do 8 de março, contra a violência de gênero e pela autonomia dos corpos, só para citar algumas das pautas que nos unem desde sempre. Expomos nossas bibliografias, censuradas e malditas, em performance que exalta pensadoras, artistas e educadoras alinhadas com a pedagogia transformadora (Figura 1).



Figura 1 – Grupo Caixa de Pandora: ativismo, performances e resistência. Fonte: Autoras

Em exercício de reformulação e abertura para outros modos de conduzir o ensino e as pesquisas propomos encontros, trazemos as artistas feministas para a sala de aula. Interessa a postura crítica e combativa, desde as sutis ousadias até as poéticas mais radicais que impactam sistemas de representação; atentamos para o investimento sobre materialidades e tecnologias, que acabaram por inaugurar linguagens, desencadeando saberes e sensibilidades. São elas que acionam outras viradas, necessárias para compreender as rupturas, problemáticas, subjetividades e paradoxos formulados.

O giro decolonial é defendido por Catherine Walsh, como campo de pensamento e abordagem epistêmica capaz de conduzir a descolonização da arte em prol da valorização das expressões artísticas dos grupos subalternizados, o questionamento se dá a partir das matrizes eurocêntricas que impõem parâmetros e solapam imaginários. Junto a Gomez e Lambuley, na obra *Aprender, crear, sanar: estudios artísticos em perspectivas decoloniais* (2018), Walsh aponta os estudos artísticos, como espaço de conhecimento inter e transdisciplinar, que se desloca e se expande para alcançar outras dimensões de ser e estar no mundo. O projeto decolonial é comprometido com o reconhecimento da pluralidade cultural, em condições de igualdade e valor estético, a chave epistemológica situa as artes em um contexto de lutas por transformação social e possibilidade efetiva de justiça, inserção política, cognitiva e econômica.

A decolonialidade se agencia a partir da universidade, mas suas práticas não estão confinadas ao ambiente acadêmico, pois seus espaços de intervenção incidem sobre a instituição e se expandem para fora, ou seja, alcançam todos os lugares onde a colonialidade: afeta os corpos; desumaniza as pessoas; controla o poder e, determina o saber, destruindo a natureza e a vida (Gomez, 2018). Os estudos decoloniais têm caráter fronteiro e em construção permanente. As práticas artísticas, modos de fazer e estéticas acadêmicas se encontram com

diversos saberes e práticas *aestheticas* – são memórias e trajetórias próprias. Esse conjunto de conhecimentos é capaz de abordar problemas que escapam das estreitas perspectivas disciplinares e do seu euro-norte-americano-centrismo colonial. O resultado dessa união de esforços é uma pluralidade de saberes localizados, colaborativos e comprometidos com uma expressa pretensão de incidência social a partir das bases.

A pretensão de criar conhecimentos sensíveis que não reproduzam a colonialidade implica em maneiras outras de pensar a epistemologia, a pedagogia, a metodologia, a estética, a política, a economia e o saber em geral. Para isso, são necessárias ferramentas pedagógicas também distintas que nos ajudem a desaprender nossos habituais modos de conhecer e agir permitindo que despontem as invencionices poéticas, atitudes de resistência e empatia.

Para romper com a tradição, concebemos um espaço feminista de encontro, que insiste em transgredir os limites do poder simbólico atual. Convidamos as artistas a homenagear suas antepassadas, propomos revisitações, aparições e conexões que ultrapassam fronteiras espaciais e temporais. Alteramos o lugar da visibilidade, criamos circunstâncias, situações artísticas com modelos caracterizadas como as artistas. Elas performam, encenam e se apresentam, extrapolando reproduções, promovendo relações mais afetivas entre arte e ensino. São referências para acionar as mudanças necessárias nos currículos e nos conteúdos das disciplinas (Figura 2).



Figura 2 – Modelos caracterizadas e desenhos: arte e gênero na sala de aula. Fonte: Autoras

Para Walsh (2017), os estudos culturais, o pensamento feminista e decolonial, instauram um campo de formação, articulação e encontro entre disciplinas, projetos intelectuais, políticos e éticos que proveem de distintos lugares históricos e epistemológicos, o propósito é enfrentar as divisões disciplinares, epistemológicas, geográficas, assim como a fragmentação sociopolítica e cultural com problemáticas, por sua vez locais e globais.

A autora de *Entretejando lo Pedagógico y lo Decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir* (2017, p.31), afirma que Paulo Freire é um teórico que inspira à militância de uma educação libertadora, por meio do conhecimento. Ela segue um dos princípios de Freire de que a prática educativa é uma prática social e política. Para Paulo Freire, a pedagogia é uma metodologia imprescindível “nas e para as lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação” (Freire, 1993, p.86). Freire é um dos principais intelectuais do século XX, ele nos forneceu a base para que possamos pensar a educação politicamente, entretecendo o pedagógico e o político, por meio de uma leitura crítica de mundo

O ambiente latino-americano constitui um território oportuno para retomar a pedagogia que propõe a práxis, em busca de compreender posturas e pensamentos, não apenas críticos, mas com características decoloniais. Para o desafio de traçar leituras críticas do mundo é preciso ensinar a transgredir, adotar a educação como prática de liberdade (hooks, 2017) com intenção de reinventar a sociedade. Freire, Walsh e Hooks concebem as pedagogias engajadas e libertárias como possibilidade de inclusão e restituição da humanidade.

Las pedagogías pensadas así no son externas a las realidades, subjetividades e historias vividas de los pueblos y la gente, sino parte integral de sus combates y perseverancias o persistencias, de sus luchas de concientización, afirmación y desalienación, y de sus bregas — ante la negación de su humanidad— de ser y hacerse humano. Es en este sentido y frente a estas condiciones y posibilidades vividas que propongo el enlace de lo pedagógico y lo decolonial. (Walsh, 2017, p. 24)

A diversidade que se faz presente na sala de aula precisa adentrar os currículos, como um propósito político-pedagógico. Urge perceber e acompanhar as movimentações culturais dos grupos tradicionalmente oprimidos e invisibilizados, conhecer artistas e coletivos que experimentam outras configurações simbólicas e, estabelecer conexões por conta dos engajamentos em comum. Essa pedagogia, de abertura e partilha, constitui uma contribuição efetiva para o surgimento dos novos saberes “prometem uma expansão infinita: uma expansão das bases de nossa sensibilidade que, sem dúvida, contribuirá para uma maior emancipação estética da cidadania” (Giunta, 2018, p.33).

Adotamos a dinâmica das oficinas de arte, narrativas e memórias para estar junto com outros grupos de pesquisa, associações de bairro, coletivos de mulheres, projetos e núcleos culturais, em proposições que favorecem mestiçagens de ideias e imaginários, os encontros cultivam as presenças para fomentar o resgate das ausências.

Em meio aos fios e retalhos se dá uma tessitura de processos partilhados, as práticas com o bordado, crochê e costura propiciam um ambiente de intimidade que faz aflorar histórias de vida, lembranças de um fazer aprendido com outras, as nossas mais velhas. Desejos e inquietações são revelados; desencadeando afetos, sororidade, impulsionando o diálogo, as interações estéticas e políticas. Resgatamos esses fazeres comuns, próprios do universo feminino, seguindo uma atitude experimentada por muitas artistas contemporâneas, como por exemplo a brasileira Rosana Paulino e a argentina Silvia Gai, que fazem do

têxtil, expressão artística que reafirma existências, expõem avessos e entranhas, suturam dores e alinhavam histórias de arte e vida (Figura 3).



Figura 3 – Tecendo poéticas feministas: oficinas de bordado, costura e crochê. Fonte: Autoras.

Interseccionalidade e mediação cultural como práticas para interpretar e intervir no mundo

Quebrar o silêncio, envolver o grupo todo, sobretudo nos espaços multiculturais e multiétnicos, pressupõe um compromisso com a pedagogia transformadora. É pelo sentido de comunidade que somos capazes de reconhecer as diferentes formas de opressão que recaem sobre grupos socialmente excluídos. E, foi com o feminismo negro que aprendemos que essas opressões não se dão de forma isolada, ou implicam em um único tipo de subordinação, ao contrário, estão em rota de cruzamento. A interseccionalidade surge como conceito e metodologia percebendo a articulação entre os marcadores de classe, raça e gênero.

Angela Davis é um ícone de liberdade, como mulher americana negra, militante e intelectual, defensora dos direitos humanos, civis e sociais. Em *A Liberdade é uma Luta Constante* (2018) ela analisa, no contexto dos Estados Unidos, desde os anos 1960 ao momento atual, o quanto a luta interseccional foi se fundamentando como base das causas sociais, raciais e de classe. Ao revisar a luta pelos direitos civis, ela destaca a amplitude do movimento dentro de uma estrutura rígida, que pouco avança e, em pleno século XXI, retrocede em termos de políticas públicas em prol dos direitos dos imigrantes, das comunidades LGBT, de pessoas presas, entre outras vulneráveis, lhes negando o direito a uma vida digna.

Mas a liberdade é ainda mais ampla do que os direitos civis. E, nos anos 60, algumas pessoas entre nós insistiram que não era apenas uma questão de adquirir direitos formais para participar plenamente da sociedade (...). Era uma questão de liberdade econômica. Era uma questão de liberdades concretas. Era uma questão de educação gratuita. Era uma questão de assistência à saúde gratuita. Moradia a preço acessível. Essas são questões que deveriam ter integrado a pauta abolicionista do século XIX, e cá estamos, no século XXI, ainda sem poder dizer que temos moradia, a assistência à saúde a preços acessíveis – e a educação é uma mercadoria. (Davis, 2018, p.110).

Angela Davis, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro integram uma imensa constelação de mulheres pensadoras, artistas e ativistas negras, que avançaram na luta contra o racismo estrutural, atentando que a discriminação de determinadas identidades sociais se interrelaciona com outras formas de opressão que envolvem raça, classe, gênero, sexualidade e nação, formando um sistema específico de poder, perverso e excludente. O engajamento e o debate intelectual que o protagonismo delas, promoveu e continua promovendo, constitui referência fundamental para a crítica à colonialidade epistêmica, pela perspectiva interseccional que introduziram, estabelecendo interlocuções com diferentes áreas do conhecimento, revisando conceitos e inaugurando teorias e práticas. Interseccionalidade, amefricanidade e decolonialidade são construções teóricas forjadas a partir de uma atuação política, se constituem como categorias dinâmicas, que articulam o caráter multirracial e pluricultural de nossas sociedades, inovando ao propor um eixo interpretativo a partir do olhar, da experiência afro-latino-americana, rumo a uma nova consciência. É preciso abordar, enfrentar e desconstruir representações essencialistas, estereótipos limitantes, ultrapassar as discriminações e violências de toda ordem.

As políticas de ações afirmativas instauradas nas instituições de ensino superior originaram um novo perfil de estudantes, para além de ampliar a diversidade social e racial no ambiente universitário, a mudança propicia a redefinição de práticas e linhas de pesquisa, a partir das inquietações e pautas que esse público agenda. Nesse movimento as contribuições e concepções teóricas pioneiras são retomadas em interlocução com problemáticas contemporâneas, promovendo reflexões e debates na luta contra opressões. Mariana Gomes é professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS, Brasil), mulher branca e militante da luta interseccional de valores, de gênero e de classes, tem desenvolvido o argumento de que nosso passado colonial está presente até nossos dias, em estruturas fundantes como o racismo, o capitalismo e o machismo que vivenciamos a cada dia. É preciso tomar consciência da necessidade da luta interseccional constante, só ela pode combater o desprezo pelos valores básicos de democracia, direitos humanos e conhecimento; enfrentar o conservadorismo, racismo, machismo, homofobia, e apontar o Estado em seu papel importante na garantia dos direitos civis e humanos.

Transpor as barreiras, formar irmandades para esperar um futuro mais justo e igualitário. Para tanto, Mariana Gomes afirma que é preciso sonhar, caminhar para a utopia de buscar no nosso futuro a ancestralidade, como defende Krenak (2022). Sonhar em plantar árvores, abraçar amigos, voltar-se para um viver coletivo (Gomes, 2024, p.84):

Para isso precisamos construir **uma Luta Socialista, Feminista, Decolonial e Interseccional** que nos una – que enfatize as grandes estruturas de poder da nossa sociedade (o machismo, o racismo e o Capitalismo), mas que consiga abraçar as pessoas e seus diversos engajamentos individuais. (Gomes, 2024, p.84)

O que estas duas obras nos apontam é a constância necessária da luta interseccional. E isso passa por nossas salas de aula, pelos espaços de formação e aprendizagem, nas escolas, nas universidades, nas ruas, nos coletivos sociais. A transformação precisa se dar na prática, nas atitudes. E todo o ambiente social, cultural e educacional é meio de luta interseccional, de viradas epistemológicas.

Mariana Gomes apresenta a verdadeira face do coletivo na utopia do sonhar com um outro futuro possível. “Cada movimento social e cada indivíduo precisam construir o olhar interseccional, da empatia, da vontade, constante de aprender, ouvir e dialogar. Só assim poderemos fazer frente à extrema-direita”. (Gomes, 2024, p. 87).

Diana Araújo Pereira também é professora e ocupa o cargo de reitora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA, PR, Brasil), na sua contribuição para a discussão, expande o conceito de mediação cultural como uma articulação de nexos intersubjetivos e sociais, trocas materiais e simbólicas da convivência social. A mediação cultural é compreendida como uma prática social e cultural, que permite “fortalecer um paradigma relacional e restaurativo, como alternativa e condição de sobrevivência da espécie humana”. (Pereira, 2023, p. 21)

A arte e as práticas culturais são reconhecidas pelas possibilidades de conexão comunitária e pessoal que favorecem, contribuindo para valorizar a subjetividade individual para chegar ao coletivo. A arte tem o poder de conectar numa rede planetária todos os nós/ pessoas em prol de uma cultura mais humanitária. A autora procura aliar, por meio da experiência estética e poética, a escrita acadêmica e a escrita poética, num entrelaçar de si ao outro e ao mundo, buscando uma mediação cultural, planetária e de resiliência social. Assim, a cultura é uma instância social que aporta o valor estável, permanente, mas também acolhe a necessária “perturbação inovadora”, em sentimentos, ideias que precisam de linguagem para existir. Esse é o processo transformador na cultura. (Pereira, 2017, p. 39). A diversidade é percebida como fundante de uma poética da relação. Diana Pereira defende o mergulho na intimidade do eu, percebendo o outro em mim mesmo, em interrelação com o coletivo. É pela escrita que nos conhecemos, que alcançamos recônditos escondidos, rememorando situações e emoções podemos nos (re)posicionar subjetivamente.

Escrita de si como mecanismo de captação do eu e *des outres* que nos habitam, esta alteridade inerente a si mesmo/a, ao próprio sujeito. Assim, escrita como elaboração cognitiva pode levar-nos a uma melhor “gestão de si” mediante a construção de caminhos que sejam capazes de conectar os muitos passos vividos no eu. (Pereira, 2017, p. 53)

A escrita de si é concebida como forma de conhecimento, como expressão e resistência. Ao escrever sobre si, o sujeito vai se inscrevendo na ordem discursiva do mundo. “A escrita é arte da palavra, é fazer artístico sensorial e perceptivo, auto investigativo, torna-se ação individual capaz de transbordar as fronteiras pessoais e abrir caminhos para muitos percursos” (Pereira, 2017, p.54).

Experimentamos as escritas de si, articuladas com as leituras e reflexões. Anotações, cartas, diários, mapas poéticos, zines e postais são percebidos enquanto dispositivos artísticos, culturais, teórico-vivenciais de registro, de inscrição no mundo. A escrita é percebida como prática desobediente, que subverte normas e concepções para inaugurar presenças, reivindicar direitos, emancipação e liberdade. As produções selecionadas (Figura 4) foram realizadas junto à disciplina de arte e gênero, durante o primeiro semestre de 2024, consistem em cadernos de artistas, montados e encadernados nos ateliês, cumprem o propósito de visibilizar um percurso. A intenção é possibilitar uma interpretação artística em torno dos temas de arte e gênero, estabelecendo uma conexão pessoal. Cabem extratos de textos, prosa e poesia, imagens de artistas e obras, desenhos, apontamentos, bordados e confissões que revelam um posicionamento político-sensível.



Figura 4 – As escritas de si em cadernos de anotações e postais. Fonte; Autoras.

Considerações

Arte e gênero, estudos feministas, decoloniais e interseccionais, instauram discussões que constituem um desafio dentro das instituições, por conta da atitude crítica, preocupação com a ética e a estética do conhecimento, pelas viradas que impõem na forma de educar em prol da igualdade e inclusão.

Nosso grupo é responsável pela abertura desse espaço de discussão e partilha junto a Universidade Federal de Pelotas (UFPel, RS, Brasil). São muitos anos de atuação contínua e intensa que acabam por repercutir e se desdobrar para além do âmbito acadêmico, como efeito dos encontros, dos diálogos entabulados entre diferentes para construir irmandades. As experimentações com as pedagogias transformadoras, de acolhimento e partilha, incidem diretamente sobre a formação dos futuros profissionais, sobre o ensino de arte, história e práticas poéticas.

Referências bibliográficas

- DAVIS, Angela. (2018). *A Liberdade é uma Luta Constante*. Editora Boitempo.
- FREIRE, Paulo. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1993). *Pedagogía de la esperanza*. México: Siglo XXI.
- GIUNTA, Andrea. (2018) “A virada iconográfica: a desnormalização dos corpos e sensibilidades na obra de artistas latino-americanas”, in: *MULHERES RADICAIS: arte latino-americana, 1965-1980*. Cecília Fajardo-Hill, Andrea Giunta. - São Paulo: Pinacoteca de São Paulo.
- GOMES, Mariana Selister. (2024) *Brasil Interseccional: passado, presente e futuro das nossas lutas*. Porto Alegre: Editora Zouk.
- GOMEZ, Pedro Pablo; WALSH, Catherine; LAMBLEY, Ricardo. (2018). *Aprender, crear, sanar: estudios artísticos en perspectiva decolonial*. Bogotá.
- hooks, bell. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- KRENAK, Ailton. (2022). *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras.
- PAIVA, Alessandra Simões (2022). *A virada decolonial na arte brasileira* / Alessandra Simões Paiva. -Bauru, SP: Mireveja.
- PEREIRA, Diana Araujo. (2023). *Mediação cultural na América Latina: utopias em curso* / Diana Araujo Pereira; Contribuciones de Aníbal Orué Pozzo ; Zulma Palermo. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Foz do Iguaçu Universidad Federal de Integración Latinoamericana - UNILA.
- SILVA, Ursula Rosa da; SENNA, Nadia da Cruz. Epistemologias e culturas silenciadas: por uma formação decolonial em Artes. *REVISTA EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO*, v. 16, n.3, p. 173-195, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17591/pdf>. Acesso em: 29 de dez. de 2024.
- WALSH, Catherine. (2017). *Entretejiendo lo Pedagógico y lo Decolonial: Luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir*. Colombia: Alternativas.

Abstract: This text emerges from the collective experience of inserting feminist perspectives into training spaces, since the implementation of the Pandora's Box Group: studies in gender, art and memory (CNPq/UFPeL, 2008). Over these many years of activity, we have experimented with more flexible, dynamic and transgressive approaches to seek the recognition of artists, philosophers, educators, writers and historians, among many others, whose trajectories and processes remain invisible and/or belittled due to hegemonic models of gender relations. Pedagogical and epistemological turns are necessary to face old and new problems, given the need to review postulates and transcend limits, to establish critical thinking, poetic attitudes and sensitive processes. The reflection around practices follows the teachings in favor of equality, freedom and hope propagated by bell hooks, Angela Davis, Mariana Gomes and Catherine Walsh.

Key words: women artists and thinkers - pedagogical practices - epistemology

Resumen: Este texto surge de la experiencia colectiva de inserción de perspectivas feministas en espacios de formación, desde la implementación del Grupo Caja de Pandora: estudios en género, arte y memoria (CNPq/UFPeL, 2008). A lo largo de estos muchos años de actividad, hemos experimentado enfoques más flexibles, dinámicos y transgresores para buscar el reconocimiento de artistas, filósofos, educadores, escritores e historiadores, entre muchos otros, cuyas trayectorias y procesos permanecen invisibilizados y/o menospreciados debido a modelos hegemónicos de relaciones de género. Los giros pedagógicos y epistemológicos son necesarios para enfrentar viejos y nuevos problemas, dada la necesidad de revisar postulados y trascender límites, para establecer pensamiento crítico, actitudes poéticas y procesos sensibles. La reflexión en torno a las prácticas sigue las enseñanzas a favor de la igualdad, la libertad y la esperanza propagadas por Bell Hooks, Angela Davis, Mariana Gomes y Catherine Walsh.

Palabras clave: Mujeres artistas y pensadoras - prácticas pedagógicas - epistemología

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
